

humanitas

Vol. XXIII Ž J ; H

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXIII E XXIV



COIMBRA
MCMLXXI-MCMLXXII



É provável que a demonstração do jovem investigador italiano seja contestada: e não faltarão os argumentos de natureza subjectiva (a que infelizmente se presta o caso de Esparta). Mas também pode acontecer — a previsão é do autor (p. 9) — que, nem rejeitada nem esquecida, a tese seja apenas considerada «pouco nova, consequência quase automática da simples aproximação de resultados já atingidos por outros, pressentimento arriscado (sabe-se lá) mais de uma vez» ... Uma forma larvada de injustiça que Janni não merece.

WALTER DE SOUSA MEDEIROS

MARIA GRAZIA BONANNO — *Studi su Cratete comico. «Προόφωνες»*:
Collezione di studi e testi a cura di Carlo Diano (Università di
Padova: Istituto di Filologia Greca). Studi: 11. Padova, Edi-
trice Antenore, 1972. 196 pp.

Em um passo, mal interpretado pela maioria dos estudiosos¹, da parábase de *Os cavaleiros* (537-540), Aristófanes contrapõe à inspiração diluvial e... báquica de Cratino a boca «irremediavelmente sóbria» (*καμβότατος* 'cem por cento couve'²) de Crates, vítima de algumas desfeitas do público ateniense, a quem pouco seduziriam as *αστειόταται* (novo superlativo irónico) *ἐπίνοιαι* de tão asséptica personagem. E noutros lugares (*Vesp.* 1177-1180, *Eccl.* 76-81, frg. 333 Kock ex *Thesm.* β') critica o teatro de evasão de Crates, o seu desgarre dos eventos concretos e humanos, o desengajamento (como hoje se diria) de um comediógrafo que se contenta com atirar manança aos animais. Muito positivo, pelo contrário, se apresenta o juízo de Aristóteles (*Poet.* 5. 1449b 6), que recorda este poeta da *ἀρχαία* por ter sido o primeiro que renunciou à *λαμβική ιδέα* e construiu peças de entredo mais genérico nos discursos e na acção. O Estagirita alude também à ligação de Crates com a comédia siceliota. Valia a pena, por conseguinte, já que os historiadores da literatura liquidam este autor em poucas linhas, traçar o seu perfil histórico-literário e fazer uma revisão dos problemas textuais e exegéticos dos seus fragmentos. Tal foi o duplo objectivo de Maria Grazia Bonanno («premissa», p. 9).

Assim, a primeira das duas partes do trabalho intitula-se *Cratete nella commedia antica*. Evitando perder-se em conjecturas — que nem a penúria das informações dos antigos (19 testemunhos, todos diminutos) nem a escassez dos fragmentos conservados (54, contando só os autênticos³, o maior dos quais com dez versos)

¹ Como demonstra Maria Grazia Bonanno, pp. 36-41.

² A este vegetal atribuíam os antigos um valor profiláctico e curativo da embriaguez. A própria vinha se daria mal na vizinhança dos couvais.

³ Acrescem 9 *ἀμφισβητήσιμα* e 11 *ψευδεπίγραφα*.

permitem escorar —, Maria Grazia Bonanno mostra que Crates não é contemporâneo de Êsquilo nem anterior a Cratino: a sua actividade deve ter-se exercido principalmente no vinténio que precedeu a guerra do Peloponeso (pp. 27-30). Conhecem-se sete títulos das suas comédias (mais um, inseguro); elevar para dez ou para quinze, como fez Mensching, o número das peças, parece aventuroso (pp. 30-36) ⁴. Sobre o conteúdo destas obras pouco se sabe. Nos *Γέιτρονες* aparecia (provável influência de Epicarmo) um embriagado; nas *Παιδία*, o jogo do beijo; nos *Θηρία*, a comédia menos desconhecida da lista, reinaria uma atmosfera de Idade do Ouro: os animais falavam, como nas fábulas de Esopo, e davam conselhos aos homens, nomeadamente um convite ao vegetarianismo... órfico-pitagórico; e, abolida a *δούλων χρεία*, anunciava-se um maravilhoso tipo de *αυτόματος βίος*, em que os instrumentos (mesas, taças, sacos, panelas) e as comidas (pão, peixes) serviam ou se serviam por si mesmos.

Em matéria de crítica, entre o desdém — melhor ou pior haurido em Aristófanes —, e a aceitação — mais rara (caso de Haspers, por ex.) — do apreço de Aristóteles, faltava «um discurso orgânico e aprofundado sobre o papel de Crates na comédia antiga e o alcance da sua poesia» (p. 47). O comediógrafo ateniense sofreu efectivamente a atracção da poesia cómica siceliota, não apenas de Epicarmo, que terá sido o modelo principal, mas também, por ex., do mimo de Sófron, parodiado no frg. 45 Bonanno. Como Epicarmo, não soube ou não quis acomodar-se à *λαβινική ιδέα* e ao *ονομαστί κωμωιδεῖν* imperantes no seu tempo; como Epicarmo, preferiu a comédia fantasiosa, de humor ligeiro e realismo mitigado; como Epicarmo, parece evitar a *αίσχρολογία* (uma excepção no *πέρδεσθαι* do frg. 21 Bonanno = = 18 Kock) grata aos poetas da comédia antiga. Crates foi também — antes de Ferécrates — representante da comédia de evasão. Mas não se contenta com o aproveitamento da fábula: utiliza algumas figuras estilizadas, próprias da comédia de caracteres, como o ébrio, o médico, o rústico, o parasita, que supõem cenas da vida quotidiana. Assim Crates, além de representar «o mais sólido ponto de contacto entre a comédia siceliota e ática», «foi antesignano da *μέση* e da *νέα*» (p. 52). Os seus achados cómicos não podem dizer-se banais ou insípidos nem a sua linguagem (adornada de *hápax*) inexpressiva. O próprio Aristófanes — que, apesar das suas ironias e censuras, não desdenhou aproveitar de algumas frases e *ἐπίνοιαι* de Crates — reconhece que, maltratado às vezes pelo público, o seu predecessor foi o que *μόνος ἀντήρκει, τὸτὲ μὲν πίπτων, τὸτὲ δ' οὐχί* (Eq. 540).

Muito mais extensa é a segunda parte da obra (*Per un'edizione critica di Cratete*), a qual, no dizer da autora, constitui uma espécie de *prolegomena* à sua

⁴ Em glossa suspeita de interpolação (≈ 2340), a *Suda* menciona um segundo Crates, que seria também poeta da *ἀρχαία*: mas, porque não há outra notícia das três comédias que lhe são atribuídas e Diógenes Laércio (4. 23) cita apenas um Crates comediógrafo, parece lícito supor «que estamos em presença de um daqueles desdobramentos não insólitos na literatura grega (pense-se nos casos de Corina, Melanípides, Safo, bem como nos de Eveno, Frínico Trágico, Tímoctes Cómico, e assim por diante), que provêm geralmente de tentativas para aplainar incongruências cronológicas ou de outro género» (pp. 30-31).

edição dos fragmentos do poeta, em preparação para a Teubner de Lípsia. Partindo do texto de Kock, ou (quando tal não é possível) do de Demiańczuk⁵, Maria Grazia Bonanno move guerra implacável a todas as hipóteses, considerandos e afirmações não sufragáveis pelos factos. Por isso muitos estudiosos do século passado (Meineke entre as raras excepções) e do nosso tempo saem malferidos da sua análise minuciosa e penetrante. Pode acontecer que a discussão de um fragmento de Crates (por ex. 33 Bonanno = 29 Kock) obrigue à revisão do texto de outros autores (caso do frg. 333 Kock, de Aristófanes). Maria Grazia Bonanno regista dois novos fragmentos (7 e 53), citados num léxico inédito de Fócio Macedónio. A Tsantsanoglou, próximo editor desta obra, ficou devendo também a possibilidade de colocar entre os ἀμφισβητήσιμα os frgs. 57 (46 Kock) e 58 (47 Kock), já que, para ambos, Fócio dá «Cratino» em vez de «Crates».

Enriquece este trabalho exemplar uma extensa bibliografia (6 edições e 135 estudos) e índices completos dos passos e dos autores citados. Maria Grazia Bonanno, credenciada por numerosos artigos dos «Quaderni dell'Istituto di Filologia Greca» da Universidade de Cálher e depois do «Museum Criticum» da Universidade de Bolonha, é discípula muito digna de Benedetto Marzullo.

W. S. M.

GIOVANNI VIANSINO — **Introduzione allo studio critico della letteratura latina.** Collana «Aggiornamenti critici». Salerno, Libreria Internazionale Editrice, 1970. 436 pp.

Não há que negá-lo: é desfavorável a primeira reacção do leitor diante do livro. A capa, escarlate e breu¹, de péssimo gosto; a selecção discutível dos autores estudados (sobretudo nos últimos períodos); a arrumação bizarra de alguns²,

⁵ A edição de Edmonds é «disarmante nella sua immetodicità, piena di avventate congetture ed omissioni [...], imprecisa ed insufficiente nell'apparato, nei riferimenti, nella citazione delle fonti» (p. 57 n. 1).

¹ A meio do negrume brilha, porém, uma lua numismática, de rósea espectralidade.

² Parece ter influído o critério dos géneros. Andronico, Névio e Énio precedem Plauto e Terêncio; seguem-se-lhes Lucílio e Lucrécio. Galo, Tibulo e Propércio vêm depois de Catulo, mas antes de César, Nepos, Salústio e Lívio. Depois é a vez de Cícero, Horácio, Virgílio e Ovídio (mas porquê Horácio antes de Virgílio?). Na peugada seguem Lucano, Pérsio, Juvenal; depois faz-se um recuo para meter Séneca e um avanço para inserir Tácito... Mesmo expediente para os romanistas Petrónio (identificado justamente com o *Arbiter elegantiarum* da época neroniana) e Apuleio. Amiano Marcelino é o último da lista.